

Angra e os primos da América

Diniz Borges*

Resumo:

Apesar de estar longe da vista, Angra—cidade atlântica, berço do liberalismo—está sempre muito perto nos corações, no imaginário e nas vivências dos primos da América, porque Angra é uma cidade com uma rica história, a cidade que encanta e que não é só minha, nem é só nossa. Angra pertence ao mundo! A cidade cujo glorioso passado, em paralelo com o trabalho do presente, lhe dá o pleno direito de estar otimista e orgulhosamente com os olhos postos no futuro. Se, como foi dito algures, uma utopia é uma realidade em potência, Angra do Heroísmo é e será, com todas as suas potencialidades, incluindo os primos da América, uma verdadeira construtora de utopias.

Palavras-chave:

Angra do Heroísmo, utopia, história açoriana

Abstract:

Despite being far from sight, Angra—Atlantic city, cradle of liberalism—is always close to people's hearts in both their imagination and in the experiences of their American cousins, because Angra is a city with a rich history, a city that enchants and that is not just mine or ours. Angra belongs to the world! It is a city whose glorious past, together with its present work, gives it the right to be optimistic and to proudly fix its eyes on the future. If, as it has been said, a utopia is a potential reality, Angra do Heroísmo is and will be, with all its potential, including its American cousins, a true builder of utopias.

Keywords:

Angra do Heroísmo, utopia, Azorean history

* California State University, Fresno

Não pode a ilha ser o limite:
há picos que violam as nuvens
há sois que fecundam as chuvas
há ventos que nenhum deus domina.

E os sonhos que rasgam as portas do mar
são de uma gente altiva
que tira o fogo oculto da terra
para incendiar as entranhas da vida.

— Vasco Pereira da Costa na *Ilhiada*

Tinha eu cinco anos a primeira vez que vim a Angra com o meu pai. A nossa cidade, como se dizia lá em casa, encantou-me. Não me recordo de tudo o que vi e senti, mas sei que a partir dessa idade me fascinei pela cidade que seria, cinco anos mais tarde, à beira de fazer os meus 10 anos, o ponto de partida para uma vida no mundo americano. Tal como tantos emigrantes desta ilha, na agora longínqua década de 1960, a minha despedida aconteceu no Pátio d'Alfândega, e daí apanhamos barco rumo ao visto que nos esperava em São Miguel, e às asas de alumínio que nos levariam de Santa Maria para os Estados Unidos. Partíamos da baía que, durante os descobrimentos marítimos, por motivos da sua privilegiada geografia converteria esta ilha no que Gaspar Frutuoso anotaria nas *Saudades da Terra* como a “universal escala do mar poente por todo o mundo celebrada.” A mesma baía que segundo transcrição de Francisco Ferreira Drumond nos *Anais da Ilha Terceira*, D. Sebastião, em alvará de 5 de maio de 1578, reconheceu como “um dos principais portos do seu reino”. A capital atlântica daquela que foi, como já o referiram vários académicos, a primeira globalização.

Partíamos da baía e da cidade que como escreveu o poeta, Vasco Pereira da Costa, era “o esconso do mundo/num cadinho de luminoso ópio / os marinheiros jogavam o triunfo da vida / com dados de sublime fantasia / e tatuavam na pele / os ventos que levariam ao rei a riqueza das índias num batel / mutilado, porém fecundo.” Saímos desta ilha e desta cidade num tempo em que, como escreve Álamó Oliveira no magnífico romance que magistralmente retrata esta cidade, *Pátio d'Alfândega meia-noite*, “a baía era a sala de espera da Cidade e o Pátio de Alfândega uma confortável sala de visitas.” Dessa baía e desse cais, saí há quase meio-século, espaço que para mim, ainda hoje, simboliza o que Fernando Pessoa um dia escreveu: “todo o cais é uma saudade de pedra!” Ou como escreveu o poeta perfeito desta cidade, Emanuel Félix, “Somos herdeiros dos quatro ventos / Sem uma vela para lhes dar / Temos amarras e temos lenços/ Num cais de pedra para acenar.” Foi desse cais, e nas lanchas que nos levavam aos barcos que faziam escala nesse tempo, que os primos da América diziam adeus à cidade e muitos a viam, pela primeira vez, do mar, experiência que para mim, e acredito que para muitos outros emigrantes, apesar da tristeza da partida, nos dava uma visão ainda mais bela desta sublime rainha atlântica.

Pouco depois do desembarque dos primeiros povoadores (sendo como se sabe Jácome Bruges o primeiro capitão donatário), desta ilha e desta cidade começaram as odisséias de muitas partidas e poucos regressos. As idas para o Brasil, e mais tarde para a América do Norte, fazem parte da nossa história coletiva. No ensaio “Os Açores na poesia de Vitorino Nemésio”, Maria de Lurdes Belchior escrevia: “Os Açores sem a emigração não seriam os Açores.” Houve quem achasse essa uma frase demasiadamente pesada. Prefiro dizer que os Açores, e mais concretamente esta ilha e esta cidade, sem a emigração não seriam nem a mesma ilha nem a mesma cidade. A história da cidade e da ilha está intimamente ligada aos primos das Américas.

Tal como escreveu Vitorino Nemésio: “como as aves de arribação, que tanto nos buscam nas rochas, espalhamo-nos pelo mundo: Brasil, América, Canadá.”

Vários estudos, incluindo os da historiadora Susana Serpa Silva indicam que o distrito de Angra do Heroísmo entre 1850 e 1920 emitiu 13.530 passaportes, a vasta maioria para emigração, já que, como ela escreve, “eram diminutas as viagens de laser ou de negócio”. A emigração, com passaporte ou sem passaporte, porque muitos emigraram sem documentação, fazia parte do sonho. O meu avô materno foi atrás desse sonho. Em 1910 deu o salto para as Américas, mas ao contrário de outros que com ele saíram da ilha para nunca mais a verem, ele voltou no ano de 1928, depois de 18 anos de vida na Califórnia. Tal como milhares de emigrantes entrou nos Estados Unidos pela famosa Ellis Island. Teve a sorte de não lhe mudarem o nome, e porque era um homem escuro, teve a grande sorte de entrar antes de 1921, como explicarei daqui a pouco.

Partiu poucos dias antes de, a 16 de Outubro de 1910 nos Paços do Conselho, em sessão pública e solene, se reunem os membros da comissão administrativa municipal nomeada pelo governo provisório da República Portuguesa, sob a presidência do cidadão Álvaro António de Bulhão Pato, com a finalidade de se proceder ao ato da proclamação da República, cujo regime fora implantado, como se sabe a 5 do mesmo mês. Meu avô e os seus colegas que rumaram à América não tiveram oportunidade de ver levantado o tal “Viva” que segundo nos dizem foi “entusiasticamente correspondido por todos os assistentes.” Nem tão pouco sabia que, poucos dias depois de partirem para o Eldorado americano, na janela central do Paço Municipal era desfraldada a bandeira republicana.

Chegou, tal como muitos filhos e filhas desta terra, à Costa Leste dos Estados Unidos e, poucos dias depois, meteu-se no que ele chamava o carro do fogo, o comboio que já então ligava as duas costas americanas—graças ao trabalho, suor, lágrimas e sangue de outros emigrantes—parando numa Califórnia que ainda vivia as aventuras da corrida ao ouro. Já em 1924, quando se realizavam os primeiros jogos florais integrados nas Festas da Cidade, meu avô e outros emigrantes desta ilha trabalhavam e exemplificavam o que Vasco Pereira da Costa no poema *Em Gustin, na Festa da Senhora dos Milagres da Serreta* soube sintetizar, elevando aos altares da poesia as vidas duras e calejadas da nossa emigração:

Mãos escorrendo o espesso leite do vale
(ribeirinho branco de nota verde):
a leitaria é só gesto maquinal
e o v da vida perdeu-se numa aférese

A rica América aí está mas bem distante
e perto os filhos já da nova babilónia.
América – pastos de saudade bastante
na mugida ordenha da Califórnia.

Na sua azáfama para ganhar a vida, nem meu avô nem tantos outros conterrâneos, que lutavam nos campos do vastíssimo Vale de San Joaquim na Califórnia, espaço que o poeta Marcolino Candeias soube cantar no poema Carta de Joe Simas “não há paredes e o sonho ribomba pela campina fora”, se aperceberam de que a América que lhes tinha permitido a entrada acabara por passar, em 1921, a sua primeira lei restringindo a emigração. Uma lei que mostrava ao mundo o seu lado xenófobo e menos aberto, que, infelizmente, de vez em quando, mesmo no nosso quotidiano do pós-modernismo, dá um ar sem qualquer graça. Com a lei de 1921 eram estabelecidas cotas a países europeus e bastante restritas as entradas dos então chamados “europeus escuros”, nos quais estavam incluídos os portugueses. Nas suas pacatas vidas, em que

predominavam o trabalho e a ocasional festa que tentava recriar a ilha no mundo americano, a cidade de Angra permanecia como parte integrante das suas vidas cheias de saudade. A mítica e a mística de Angra, mesmo nos confins da emigração, era presença constante. Na personagem Joe Canôa que Marcolino Candeias criou, e com ela as experiências, o quotidiano de emigrantes terceirenses em terras plantadas à beira do Pacífico, lá estavam referências constantes a esta cidade como um lugar ou um espaço tão grande que lá dentro cabiam várias praças velhas. Através dos anos, tenho ouvido, particularmente da geração que emigrou antes do 25 de Abril de 1974, inúmeras referências a Angra que, apesar de longe da vista, continuou e diria que ainda continua nos corações dos terceirenses emigrados. Trata-se de alusões à cidade que nos marcou para sempre. Não foram poucas as vezes que, no outro lado do mundo, ouvi persistentes comparações com esta cidade, tais como, “não se compara com a nossa Sé”, “não tem a graça do nosso jardim de Angra”, ou, em termos de distância, “é muito mais longe do que da Praia à Cidade”.

Na literatura criada pelos emigrantes na América do Norte a cidade de Angra é omnipresente. Se por vezes essa referência é subtil ou contida em indiretas nuances, noutros casos é tão presente como o poema *Recado a Angra* de Maria das Dores Beirão, no qual, como é natural numa certa geração de emigrantes, existe alguma mágoa. Acima de tudo, o que está bem patente é o amor à cidade e a importância que a mesma teve na moldura e nas idiossincrasias de quem saiu há muito tempo ou já é luso-descendente. Angra ainda faz parte do quotidiano de quem está longe ou de quem aprendeu a amá-la à distância. Angra lírica está presente nas memórias e nas vidas dos emigrantes e dos seus rebentos.

Após muitos anos de ausência
Fui visitar-te.
Encontrei-te com ótimo aspeto
Apenas marcada pelas intempéries da vida.
O teu rosto de pedra ornamentado
Pelas varandas de ferro ainda tem
O mesmo encanto.
Algumas operações plásticas aqui e ali
Desfiguram um pouco o teu estilo
De Senhora de grande linhagem e elegância.
Que me perdoe a freguesia de nascimento
Que mal conheci
És tu Angra a grande referência da rapariga
Que fui e da mulher que sou.
Ensinaste-me que envelhecer dignamente
É a melhor forma de conservar beleza.
Percebi que estão a abusar de ti
Do teu espaço da tua fluidez.
Estão a entupir-te as veias!
A coagular o sangue nas tuas artérias.
O teu corpo não foi talhado para o frenesim
Desgastador dos motores do nosso tempo.
Passam apressados sem te ver:
Tanta pressa para tão pouca lonjura.
Já não há espaço para o passei sereno
Dos que ainda te miram com amor filial.
Serve-te a lealdade dos Filhos

Que aí tens, cuja missão
É resguardar os teus tesouros.
Olha por eles que são a tua seiva.
Minha querida Angra
O amor dos que partem aumenta
Com a distância.
O desamor dos que ficam por aqueles
Que partiram é sal que inflama a ferida.
Todos perdem com isso, mesmo Tu
Minha querida cidade.
Amor rejeitado, pode ser
Amor destruído.

Em 1966, um dos meus tios, emigrado nos Estados Unidos desde 1960, veio à ilha. Disse-nos que ordenhar vacas na Califórnia era tão bom como estar numa tourada na Terceira. Foi o ímpeto para que meu pai comesse o processo de emigração. Já nesse ano muitas famílias partiam destas nossas ilhas ao abrigo do Azorean Refugee Act, que permitiu a entrada de muitos açorianos nas terras do Tio Sam, duplicada pelo Family Reunification Act, a lei da reunificação da família, que entrou em vigor uns anos mais tarde. O diploma original permitia a concessão de mil e quinhentos vistos destinados a chefes de família da ilha do Faial que emigrassem até 30 de Junho de 1960, mas uma emenda introduzida posteriormente alargou o número de vistos para dois mil, estendendo o prazo até Junho de 1962. Em consequência direta desse diploma, entre 1958 e 1965 perto de 2 500 famílias emigraram, num total de cerca de 12.000 pessoas, das quais 4.811 diretamente ao abrigo da referida norma. Devido ao mecanismo de reunificação familiar designado por *cartas de chamada*, esta emigração inicial teve um efeito multiplicador gigantesco, estendendo-se a emigração a todas as ilhas e levando a que nas décadas seguintes milhares de açorianos partissem para os Estados Unidos. Os meus pais, eu e o meu irmão, fizemos parte desses milhares. Ficava conosco a imagem de uma cidade que Álvaro Oliveira soube definir no já referido *Pátio d'Alfândega meia-noite*:

Uma vez por mês, o pacote fundeava ao largo da baía, resplandecente de luzes e expectativas, com as pequenas lanchas no vaivém constante da carrega, descarrega, carrega, descarrega. Abraçava-se quem vinha. Chorava-se quem partia. A cidade inteira no cais, voltada para o mar. Era o tempo das grandes calmas sociais, das missas da manhã povoadas de mulheres escuras, do comércio das lojas ao retalho, onde era possível sentir o zumbir das moscas, dos funcionários públicos lerem jornais pelos cafés, dos padres rezingarem as perdições totais do inferno, dos polícias sinaleiros enregelarem de braços caídos, do governador ser o deus e senhor dos corpos e das almas e de todos, incluindo os pobres de pedir, andarem contentes com a ilha e com as condições meteorológicas.

Sáímos em 1968, já então tinham saído muitas famílias, e outras tantas, ou ainda mais, continuariam a ausentar-se até finais da década de 1970. Quando chegamos à Califórnia, já Tulare se tinha geminado com Angra há dois anos. Aconteceu no ano de 1966 quando a cidade celebrava o centenário da construção dos Paços do Concelho. A geminação apareceu pela mão, o entusiasmo e o compromisso, do jornalista e escritor angrense João Afonso. Foi uma geminação marcante. Angra do Heroísmo foi a primeira cidade açoriana, e uma das primeiras em todo o país, a irmanar-se com uma cidade americana. Estávamos ainda nos tempos primordiais do movimento das geminações entre municípios americanos e os seus congéneres em várias partes do mundo.

Angra soube dar o primeiro passo. Dizia-se que Tulare, na altura com cerca de 18 mil habitantes, era a cidade americana com maior número de emigrantes ou descendentes de terceirenses. Desde então Angra tem, como se sabe, 14 geminações, 4 nos Estados Unidos e essas, intimamente ligadas à nossa emigração, à nossa diáspora.

O conceito das cidades irmãs foi promovido em torno do *people to people program* do presidente norte-americano e antigo general da segunda guerra mundial Dwight Eisenhower, com os objetivos de aproximar municípios e municípes de vários países, estabelecer laços de conhecimento mútuo e criar projetos de aproximação entre as entidades administrativas e a sociedade civil. Eisenhower, que tinha visto os horrores da segunda guerra mundial, acreditava que se as cidades e os seus residentes, espalhados nas mais variadas latitudes, se conhecessem mutuamente, seria muito mais difícil para os poderes centrais decretarem guerra. Uma noção que Angra soube abraçar e, fiel à sua história, nela ser pioneira.

Há que dizer-se, entretanto, que a ideia das cidades geminadas é uma conceção muito antiga e que nem sempre deu os frutos desejados. Sabe-se que as cidades de Paderborn na Alemanha e Le Mans na França estabeleceram um projeto de geminação no longínquo ano de 836. Hoje o conceito é muito mais abrangente. Segundo dados da Association of American Geographers, existem mais de 11 mil geminações em 159 países. Angra com as 14 cidades em ela germinadas, está posicionada para obter uma amálgama de benefícios que certamente irão além da nossa diáspora e dos primos da América, mas a diáspora, na sua totalidade, e os primos em primeiro e sucessivos graus, podem ser, e serão, uma mais valia.

Se é certo que todas as geminações têm as suas especificidades, não é menos certo que as quatro cidades americanas geminadas com Angra nos Estados Unidos têm contribuído para uma aproximação de Angra com os emigrantes e os luso-descendentes, particularmente os que têm raízes neste concelho e nesta ilha. As novas comunidades que despontam todos os dias nos Estados Unidos, e mais concretamente nas cidades geminadas, precisam urgentemente de conhecer Angra, não só a Angra festeira, mas sobretudo a Angra histórica, a cidade património mundial, bem como a cidade aberta ao mundo olhando com entusiasmos para o futuro. Num momento em que as instituições mais sagradas do mundo americano estão em jogo, Angra do Heroísmo, este berço do liberalismo, para usar o tema das Sanjoaninas, pode ser o alicerce que os emigrantes e o seus rebentos precisam para lhes lembrar quem são e de onde vieram. É que, tal como escreveu alguns Virgílio Ferreira, “guarda o passado, se não tens já futuro. Porque se também o perderes, o presente que te restar é o da pia, que não tem tempo algum.”

Angra do Heroísmo, esta cidade atlântica que é, indubitavelmente, uma cidade do mundo, possui, com a sua história, o seu património, as suas idiossincrasias, a sua mundividência, a sua poesia, um estatuto que certamente poderá e deverá ser elo privilegiado com os primos da América. Esses são os que saíram desta ilha e aqueles cujos pais, avós ou bisavós partiram do cais à busca da terra prometida, em direção à tal “música distante dos portos, que são românticos como a lua nas mãos de Deus”, como escrevia outro poeta angrense, Borges Martins. Porque acreditor ser hoje Angra que, há 384 anos sempre tem sabido ser uma cidade em todos os tempos e em todas as eras, a cidade privilegiada dos Açores para criar as pontes necessárias com a nova Diáspora. A que vem à ilha em festa, e a que porventura não venha cá com a frequência desejada, mas que tem, como escreveu outro poeta angrense, António Cunha Ribeiro, “a ilha por companhia/e lá fora o mar urgente/dá horas—sempre”.

Em cada descendente desta cidade, deste concelho e desta ilha, existe um embaixador e, ao abrigo dos protocolos estabelecidos com as cidades geminadas e outras que ainda se construirão, Angra poderá ser ainda mais universal e fazer parte do quotidiano de cidadãos que, apesar de geograficamente distantes, com a magia das novas tecnologias podem fazer parte da vida da cidade e permitir que a cidade faça parte constante das suas vidas. Se os Açores não seriam

os Açores, ou pelo menos os mesmos Açores, sem a emigração, voltando à frase de Maria de Lourdes Belchior, acredito que os Açores de amanhã, e muito particularmente a cidade de Angra do Heroísmo, terão um futuro muito mais risonho levando as suas geminações, e a sua ligação com a Diáspora, a outros patamares. É que não se pode falar de relações transatlânticas sem se falar dos Açores e, de uma forma muito particular, da ilha Terceira e da cidade de Angra do Heroísmo.

Apesar da exacerbada retórica que se vive em alguns centros do poder americano e europeu, o eixo Europa-América é absolutamente necessário para um mundo em paz e em progresso. Caminhamos para um mundo em que *be local, but think global*, é cada vez mais importante. O papel dos municípios é fundamental para a criação de um mundo mais justo e ainda mais interligado, por vezes compreendendo especificidades que os poderes centralizados, infelizmente, não alcançam. Cabe a esses municípios tomar decisões que desafiam quem, por separação, demagogia ou populismo não defende os direitos e as aspirações dos cidadãos. Veja-se, como exemplo, o acordo sobre a proteção do meio-ambiente denominado “Acordo de Paris”. Não é segredo nenhum que o atual Presidente americano retirou os Estados Unidos do acordo, porém o poder local americano rejeitou a decisão da Casa Branca. Hoje, dois mil e setecentos líderes, quer de cidades ou de estados, quer com ligações aos mundos empresarial ou académico, representando mais de 159 milhões de habitantes e 6,2 triliões de dólares do produto interno bruto nos Estados Unidos, comprometeram-se com o acordo de Paris. Desafiaram, e ainda bem, o poder central.

Com as novas tecnologias, num mundo cada vez mais pequeno, o conceito de cidades irmãs, pode e deve ser alargado à sociedade civil, às múltiplas vertentes que incorporam as cidades geminadas, nomeadamente, às escolas e às universidades, às câmaras de comércio e às associações profissionais e culturais. É imperativo melhorarmos a vida de cada cidadão e o poder local; aliarmo-nos às ligações globais que o movimento das geminações provoca, quando dinâmicas e vivas, será a ponte para que cada cidadão, pensando globalmente, possa prosperar, localmente. Sabe-se que as cidades não podem, nem devem, substituir o estado/nação na perseguição de dilemas e políticas que vão desde o aquecimento do planeta à redução da pobreza, da segurança à luta pela saúde; do aumento das trocas comerciais ao ensino. Porém, as cidades geminadas podem contribuir significativamente, e serem parceiras privilegiadas, algo que líderes nacionais com visão devem acolher como algo não só benéfico para os seus países, mas absolutamente necessário para um mundo cada vez mais interligado e interativo. Há que, como escreveu a poeta angrense Luísa Ribeiro, “atravessar sem véus as pontes que não existem”.

O sonho do velho general da segunda guerra mundial, de promover paz através do respeito mútuo, da compreensão e colaboração, a nível individual e a nível coletivo, de cidade em cidade, ainda hoje é a melhor receita para o progresso humano. Angra do Heroísmo, cidade que sempre soube estar ligada ao mundo, pioneira no movimento das geminações, tem todos os ingredientes para criar outras pontes e novos rumos que serão salutareos para o futuro desta cidade património mundial, esta cidade que, citando o Hino Angrense, é “nobre e constante, cidade amada/do teu presente nasce a outra idade/manteremos lida e gravada/tua glória, tua vontade”.

Há uma célebre história do *far west* americano em que um homem se entrega às entidades policiais dizendo: “venho entregar-me porque acabo de matar alguém”. “Como?” diz o Sr. Guarda atónito e confuso. “Pois, estava numa sessão solene e dei um tiro num orador que não se calava, falava há quase uma hora.” Serenamente, o polícia respondeu: “está na secção errada. O gabinete das recompensas é aqui ao lado.” Antes que alguém pense em qualquer recompensa, acabo já.

Angra do Heroísmo, ao comemorar 484 anos de vida como cidade, festeja uma história recheada de louros e aventuras. A primeira cidade europeia do atlântico foi, como se sabe, capital

do reino, a primeira cidade portuguesa a fazer parte da lista património mundial da UNESCO, a cidade que o Papa Paulo III escolheu para sede da Diocese Católica, o que acabaria por a colocar num patamar de influência sobre todas as restantes ilhas dos Açores. Celebra-se a sua ligação ao mundo, desde os descobrimentos à emigração. E celebra-se com olhos postos no futuro, graças à sua ligação a todo o país e às várias partes do mundo, pelas suas 14 geminações, e graças à sua ligação à América pela Diáspora que hoje, como se disse, já não é a mesma. Já lá vão os dias em que o relacionamento com as comunidades, com os primos da América, se resumia às visitas esporádicas à ilha, que o escritor Álamo Oliveira soube contar no melhor romance português sobre a nossa emigração, *Já não gosto de chocolates*:

Era preciso levar roupas que espelhassem a abundância e a estética da América...e havia também a mala das ofertas. Os parentes e os amigos seriam contemplados com os cortes para vestidos, camisas florestadas de palmeiras havaianas, alvaroses, cuecas de renda, camisas de dormir com laços de seda e sapatos, mais caixas de pó de talco, batons, vernizes para as unhas e até pastas de dentífrico acompanhadas das respetivas escovas. E sabonetes—mete aí mais uns sabonetes para ficarem cheirosos, acudia Mary. Para os que aparecessem com a visita de uma galinha ou de um quilo de açúcar, estavam reservadas peúgas e meias de fio de vidro e, para as crianças, chocolates e gamas. Não se podia chegar da América com as mãos a abanar.

Se é verdade que os tempos são outros, que a cidade e a ilha já não vivem esse, não muito longínquo, tempo, também não é menos verdade que Angra é mais cidade quando se revê em toda a sua história, a dos palácios e dos séquitos, e a dos seus filhos que saíram desta cidade, deste concelho e desta ilha à procura de outras oportunidades. Hoje os filhos, netos, bisnetos e trisnetos da emigração, os primos da América, podem, com as suas vidas totalmente integradas no mundo americano e canadiano, criarem outra mala, não a das ofertas, mas a das oportunidades que terão de ser recíprocas: trazer outras ligações à cidade e aos seus habitantes e levar às novas gerações a história e a cultura por eles desconhecida. Hoje, as novas comunidades, com jovens nos mais variados campos do conhecimento, com luso-descendentes que estão em posições privilegiadas no comércio, na indústria, na política, no mundo académico e nas artes, têm um valor que ultrapassa todas as malas de prendas ou sacas de encomendas. A aproximação desses jovens e dessas novas comunidades à cidade é um desafio que requererá uma imaginação colossal, planeamento contemplativo e audaz e, acima de tudo, uma tonelada de trabalho. Acredito que Angra, e este elenco camarário, têm essa capacidade. Há que construir essa nova aproximação na certeza de que os descendentes desta cidade e desta ilha, vivendo nas Américas, que representam uma população maior do que a residente, podem contribuir significativamente para o seu desenvolvimento. Essa construção não pode ficar na saudade, conceito que os mais novos desconhecem, ou pode, mas numa outra saudade, a que o poeta Vasco Pereira da Costa cantou, no seu livro de poemas *My Californian Friends*:

Não a saudadinha do folclore
pitoresca e digestiva
constitucional e estatutária
de meter dó em dó menor
no caldo verde no rubro chouriço

Mas a saudade necessária
Apenas quatro sílabas de compromisso.

Essa saudade, essas quatro sílabas de compromisso são essenciais para Angra do Heroísmo e para os primos da América. Cantemos Angra neste dia e em todos os dias. Cantemos o seu hino com “manhã de esperança, raiz e fruto, Angra cidade / fogo vermelho, verde lembrança / Mar, resistência e liberdade”. Cantemo-la aqui e cantemo-la no estrangeiro. Com esse hino, “levantemos nossa voz em cada hora / do fruto és rainha, és senhora / Angra-História, Angra-Memória”.

Angra cidade atlântica, berço do liberalismo que, apesar de estar longe da vista, está e espero que esteja sempre muito perto nos corações, no imaginário e nas vivências dos primos da América, porque Angra é uma cidade com uma rica história, a cidade que me encanta desde os cinco anos de idade, mas que não é só minha, nem é só nossa. Angra pertence ao mundo! A cidade cujo glorioso passado, em paralelo com o trabalho do presente, lhe dá o pleno direito de estar otimista e orgulhosamente com os olhos postos no futuro. Se, como foi dito algures, uma utopia é uma realidade em potência, Angra do Heroísmo é e será, com todas as suas potencialidades, incluindo os primos da América, uma verdadeira construtora de utopias.

Diniz Borges

Angra do Heroísmo

21 de agosto de 2018